

## A Preservação Através de um Turismo Sensível à Natureza

**Bruna Raquel Alves Pinheiro**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
 Av. Senador Salgado Filho, 3000, Campus Universitário  
 Lagoa Nova, Natal - RN - CEP 59072-970  
 Telefone: (84) 32153617 - brunaraquel@joaolobo.com

**RESUMO:** O presente artigo trata de um estudo inicial sobre a preservação do meio ambiente pelo turismo. Para tanto, abordou-se a natureza como atrativo turístico de apego definido por seus valores estéticos e de beleza natural capazes de promover, no turista, uma interação transformadora, criando, assim, um elo dialético que ultrapassa os limites do consumo e do espaço-mercadológico. Esta abordagem é apresentada aqui como mais uma forma de preservação do Planeta Terra, através de um olhar mais profundo e sucinto do meio natural, através de uma atividade turística de cunhos filosófico e sociológico, relacionada a uma natureza capaz de mudar comportamentos e ações que outrora a depredavam.

**Palavras-chave:** natureza, turismo, preservação e consumo.

**ABSTRACT:** *This article is an initial study on the preservation of the environment for tourism. Thus, addressed to nature as tourist attraction as defined by their aesthetic values and natural beauty capable of promoting an interaction in the tourist sector thus creating, a link dialectic that goes beyond the limits of consumption and space-mercantile. Promoting well, more a way of preserving the planet Earth, through a deeper look and succinct of the natural environment through tourism. Conducting activities related to a stamp philosophical and sociological nature capable of changing behaviors and actions that once the damaged.*

**Keywords:** *nature, tourism, preservation and consumption.*

## 1. Introdução

A preservação da natureza vem, há muito tempo, se tornando o principal tema de debates entre os líderes mundiais. Especialistas de todo o Planeta afirmam que lutar contra os poluidores e depredadores não é garantir que a Terra será preservada. Para isso, é necessário o esforço de cada cidadão em mudar seus valores consumistas, hábitos e comportamentos que provocam a poluição, atitudes depredatórias com os animais, as plantas e o meio ambiente. Deve-se, assim, ter uma consciência ambientalmente correta, através de ações mais fraternas, democráticas, justas e pacíficas com os semelhantes e com o meio natural.

O ser humano está em intensa construção de seus valores, conhecimento e amadurecimento, ou seja, de sua identidade. A viagem é uma das únicas formas que possibilita ao sujeito buscar o seu “ser” interior, fora do seu local de experiência cotidiana. Desta forma, o então turista move-se com a nítida imagem do prazer, que lhe fornece a imaginação de um ideário de desprendimento das diferenças, de superioridade ou inferioridade social, de possibilidades de trocas, enfim de um rápido e progressivo enraizamento e desenraizamento sociogeográfico dos destinos.

Existe a premissa de que o relacionamento do turismo com a natureza é contraditório e paradoxal. Tal pensamento pode ser definido no fato da atividade turística ser considerada um fator de degradação ambiental, devido, em grande parte, aos seus equipamentos e a certas formas de utilização, que degradam o meio ambiente, a curto ou longo prazo, e geralmente de custosa solução.

A relação do turismo com o meio ambiente é complexa, haja vista que numerosos acontecimentos de conflito são registrados. Para tanto, promovem-se medidas que podem provocar efeitos perversos e difíceis de controlar. O desafio encontra-se no equilíbrio entre o desenvolvimento da atividade e a proteção ambiental.

O presente artigo pretende mostrar o atrativo natural como motivador essencial de sua própria preservação, relacionado com os indivíduos que o estão visitando. A autora levanta a hipótese de que a natureza pode transgredir a capacidade de consumo do ser humano, tornando este menos acessível ao ambiente natural, devido a sua não possibilidade de mercado. Pois, o meio ambiente, como será abordado aqui, é visto como algo que

transmite sensações diferentes em cada turista, em uma relação pessoal e até mesmo semi-espiritual.

A autora retira, em parte, o destino turístico de natureza para contemplação da utilização reducionista paisagística, explicando que o valor da paisagem não será determinado exclusivamente por critérios formais estéticos, como a harmonia das cores ou a disposição das linhas, nem por questões economicamente lucrativas, mas de acordo com o potencial que os lugares possuem em despertar a mente para o sublime, proporcionando questões diversas da filosofia e da sociologia.

## 2. Considerações sobre os fatores ambientais no turismo

De acordo com Beni (2004), a ecologia é o sustentáculo de todas as manifestações de vida no Planeta Terra. Ele assinala que a parte referida ao meio ambiente, no turismo, possui como principal elemento a contemplação e o contato com a natureza. Onde são analisados os fatores do espaço turístico natural e urbano, seu planejamento territorial, atrativos e conseqüências da atividade no meio ambiente, preservação da flora, fauna e paisagens, constituindo, assim, todas as funções, variáveis e regras de consistência de cada um desses fatores.

A Ciência ecológica possui um importante papel no desenvolvimento de permanentes atividades turísticas, sobretudo as que efetuam em espaços naturais. Por isso, é imprescindível incorporar a visão ecológica em todas as etapas do processo de planejamento turístico, como algo onipresente e estar indissolúvelmente ligado ao trabalho de educação ambiental.

Apesar de possuírem o mesmo prefixo eco, segundo Beni (2004), questões econômicas avançam sobre fatores ecológicos, provocando uma discrepância em sua relação, porque cuidar do econômico não garante preservação ecológica, porém dar atenção a esta proverá benesses para o futuro daquele. Para o autor, toda atividade econômica participa em maior ou menor grau da gradual deterioração ambiental. Portanto, não se deve afirmar que o turismo é o único responsável pelos danos causados aos ecossistemas.

Na área de políticas protecionistas poucos países ou órgãos públicos de turismo ressaltam os aspectos econômicos ligados à necessidade premente da proteção do meio ambiente. Já os estu-

dos científicos enfatizam pesquisas interdisciplinares conduzidas com certa timidez, uma vez que o turismo relacionado ao meio ambiente é objeto recente das pesquisas dos estudiosos da área.

A criação de áreas protegidas tem obtido alto grau de importância enquanto estratégia de conservação dos patrimônios naturais à medida que os mais destacados ecossistemas do Planeta encontram-se ameaçados. Existe um elevado número de fatores que explicam o aumento da preocupação mundial pelas áreas protegidas, pode-se citar a perda da biodiversidade, a devastação das florestas, dentre muitos outros.

### 3. A depredação do meio ambiente e o consumo no turismo

O meio ambiente, no funcionamento turístico, está dentro da classe dos atrativos, e como tal ele denota uma idéia de consumo superficial e mercadológico da natureza. As ações relacionadas ao ócio, à primeira vista, transformam uma considerável parcela do espaço natural em mercadoria, submetendo-o ao circuito de troca (AZEVEDO, 2003).

Entre os inúmeros impactos negativos que a indústria das viagens sem planejamento e integração pode trazer, destacam-se, com maior incidência, o acúmulo de lixo, a contaminação das fontes e dos mananciais de água doce e do mar, as pinturas e as rasuras nas rochas, o pisoteio da vegetação, a caça ilegal, os incêndios nas áreas mais secas, o desmatamento para a construção de equipamentos que descaracterizam a paisagem e cujo estilo contrasta com o meio natural (RUSCHMANN, 1997).

O cerne do problema que causa a crise ecológica nos espaços de uso turístico, segundo Beni (2004), talvez possa ser o complexo conflito que ocorre no espaço cultural e o espaço natural. Haja vista que o ser humano tem como uma de suas necessidades a ocupação do espaço natural que é manipulado de forma, muitas vezes, irracional. Torna-se, desta forma, em um lugar abstrato que faz parte do cultural e fora do âmbito das leis da natureza.

Trata-se o meio ambiente como se os recursos fossem inesgotáveis. A Ciência e a técnica descobrem sempre novos meios de impelir os limites impostos pelo equilíbrio do ecossistema. Os efeitos secundários negativos do crescimento eco-

nômico, baseado na tecnologia parecem, cada vez que surgem, simples de coordenar e de remediar (KRIPPENDORF, 2003).

Bedim (2007) afirma que no atual mundo globalizado o espaço natural destinado ao turismo é um espaço-mercadoria, cuja essência está envolta em simulacros. Onde o local é produzido e reproduzido enquanto mercadoria reproduzível. Neste processo de apropriação do meio natural, pelo homem, afirma que o sujeito antropomorfiza a sua natureza externa e, conseqüentemente, transforma a sua própria natureza interior. Ressalta ainda que o ambiente, sem a intervenção do homem, a luz da Teleologia<sup>13</sup>, possui papel de objeto e meio de trabalho para o homem. Focando, assim, à satisfação das necessidades humanas, processo onde são originadas as riquezas.

Em Urry (1996), a satisfação que as pessoas obtêm do consumo depende das escolhas consumistas dos outros, ao que ele chama de suburbanização. Isso pode ser percebido de forma clara na obtenção de certos bens, como a paisagem natural, que são escassos em sentido absoluto. Promovendo, assim, a idéia de que o aumento do consumo por parte de uma pessoa conduz a uma redução por outra. Para o melhor entendimento deste consumo coagido, vale lembrar o exemplo de Hirsch *apud* Urry (1996, p. 67) onde as pessoas se mudam para os subúrbios, a fim de fugir da congestão da cidade, no entanto, à medida que prossegue o crescimento econômico, os subúrbios ficam mais congestionados e muitas vezes mais até do que nas cidades.

Krippendorf (2003) indica que o atual sistema econômico não está interessado em cobrir as necessidades humanas que realmente existem, pois estas já estão satisfeitas. A economia distanciou-se da sociedade, colocou-se acima deste e apoderou-se de sua liberdade. Pois o custo suportado pelo ser humano, pela economia e pelo meio ambiente ultrapassa largamente os benefícios obtidos.

Tal entendimento pode ser constatado, na capacidade que as sociedades pós-industriais possuem em produzir novas necessidades, que sofisticam cada vez mais a “relação homem/homem e homem/natureza.” (BEDIM, 2007, p. 76)

<sup>13</sup> Neste caso a Teleologia diz respeito à qualidade do homem em possuir consciência, ao contrário da irracionalidade dos outros animais.

O turista que não é sensível ao meio ambiente sabe que não existe nada a ganhar pelo adiamento de uma visita a um lugar. Pelo contrário, existe uma forte motivação para viajar o mais rápido possível, para assim poder apreciar a paisagem ainda intocada, antes que as multidões cheguem. Por conseguinte, tem-se o consumo do tempo e do espaço, onde o valor de uso cede aos termos de troca.

Assim sendo, o tempo dedicado as atividades de lazer, como também os espaços aqui envolvidos, podem ser concebidos como um prolongamento das cidades. Pois estão cada vez mais incorporados ao mundo da mercadoria e aos processos produtivos de consumo. (*Ibid.*, 2007).

Mesmo que o homem possa alterar em grande escala a paisagem natural, ele o faz sem avaliar ou dimensionar formal e racional integralmente, o impacto causado por tal perturbação. Tais formas de comportamento e ação só aproximam o turismo de um colapso, como resultado do consumo da qualidade dos atrativos naturais, provocado pela contaminação e deterioração. (BENI, 2004, p. 53)

À respeito do grau de deterioração causado pelas ações de ócio pode ser notado por exemplo pelo aumento de vôos fretados, a um determinado lugar, que podem significar que este destino está em ritmo de depredação, como afirmou um profissional da classe média: “Agora que tenho condições de ir lá, sei que tudo vai se estragar.” Hirsch *apud* Urry (1996, p. 68).

Mishan *apud* Urry (1996, p.66), critica o desenvolvimento do turismo, pois para ele a difusão do turismo de massa não produz uma democratização das viagens, sendo na realidade uma ilusão que destrói o espaço geográfico, fazendo com que as próximas gerações não tenham acesso a lugares de “beleza natural intocada”. Afirma que, o lugar que é vivido em liberdade por alguns, é destruído pela multidão. Devido a tudo isso, propõe um acordo de regulamentação internacional para que não haja a autodestruição desses locais.

Esse confronto de forças, as humanas contra as físicas e ambientais, caracteriza-se pelo aumento da população de turistas e de residentes permanentes que congestionam os centros turísticos. Tendo em vista que, a população autóctone sente a necessidade de crescer quantitativamente, através da atração e concentração de capitais que,

logo em seguida, se transformam em unidades produtoras de serviços turísticos que fazem o uso de uma operação assistida de uma tecnologia nociva para a qualidade ambiental.

Essa forma de argumento pessimista é desfocado por Beckerman *apud* Urry (1996), para ele o principal fator problemático oriundo do turismo de massa é basicamente, uma ansiedade de classe média, a exemplo de muitas outras preocupações com o meio ambiente. Uma vez que, a classe realmente rica está a salvo em lugares muito caros, em iates, ilhas particulares ou em suas propriedades isoladas. Outro ponto ressaltado pelo autor, é que geralmente as pessoas afetadas pelo turismo de massa, se beneficiam dele quando este promove o desenvolvimento de certos serviços de comodidade, que outrora eram impossíveis de se obter, pois o número de turistas e habitantes eram ínfimos.

Para o sociólogo Krippendorf (2003), é necessário que a economia descentralize-se e que o sistema de valores do homem e da sociedade volte a acentuar mais o “ser” do que o “ter”. Faz-se preciso que se considere o fato de que os recursos naturais não são inesgotáveis.

#### 4. O atrativo natural e o turista

Segundo a Teoria “*The Optimal Arousal*”, de Iso-Ahola, as pessoas viajam para retornar aos locais de morada melhor do que eram, na idéia de que as viagens, através de suas atividades de lazer, reconstroem e recriam o homem, para curar e sustentar o corpo e a alma, que proporcionam uma fonte de forças essenciais que trazem um sentido à vida (KRIPPENDORF, 2003).

Geralmente, os objetivos de uma viagem são permutáveis, como em um catálogo, onde as imagens daquilo que se encontrará são vendidas pelas organizadoras de turismo. Isto faz com que o ato de viajar seja relativizado pelos turistas e pelos próprios estudiosos e empresários da área. Contudo, para se obter melhor proveito das viagens Pannos Netto (2005) propõe a utilização dos estudos filosóficos nas reflexões turísticas.

De acordo com o filósofo Botton (2003), a proximidade de uma catarata, de uma montanha ou de qualquer outro elemento da natureza, torna mais difícil a vivência de inimizades e desejos adjetos. Em sua análise pelos escritos de Wor-

dsworth<sup>14</sup>, ele observou que a natureza promove uma disposição na vida, e entre as pessoas, porém apenas o desejável e bom forma uma “imagem da razão correta”, que fornece o equilíbrio dos impulsos desvirtuados da vida urbana.

A filosofia preconiza que o conceito da capacidade de percepção modifica a situação. Embora a trilha ainda possa ser fisicamente percorrida, ela já não significa aquele ermo ainda não desbravado que o visitante esperava contemplar. Assim, sua capacidade de percepção seria alcançada, mas não sua capacidade física.

A capacidade de percepção é volátil, pois depende de determinadas concepções da natureza e das circunstâncias pelas quais os visitantes desejam contemplá-la. Walter *apud* Urry (1996) demonstra esta reflexão com o exemplo de uma montanha nos Alpes, mostrando que por ser um bem material ela pode ser contemplada pela sua grandiosidade, beleza e conformidade com uma paisagem alpina idealizada. Contudo, essa mesma montanha pode ser encarada como um bem posicional, uma espécie de santuário da natureza, que os indivíduos desejam gozar na solidão. Surge, assim, aquilo que Urry (1996, p. 122) denominou de “olhar romântico” do turista, na qual a ênfase é colocada na solidão, na privacidade e em um relacionamento pessoal e semi-espiritual com o objeto do olhar.

A conotação de divindade e sacralidade a certos locais de beleza natural está associada ao legado da cultura judaico-cristã. Isto explica, em parte, a defesa de alguns ambientalistas em proibir a visitação pública às Unidades de Conservação, referindo o turismo como uma ameaça à vida selvagem e como mecanismo indutor de ações depredatórias (SCHAMA *apud* BEDIM, 2007).

Com relação ao olhar do turista, de acordo com Eisenstein *apud* Echtner (1999, p. 48) existe uma teoria em relação ao objeto e a reação humana que ele provoca. Trata-se de um sentimento simples e complexo ao mesmo tempo. Simples quando nos referimos a sua participação originária nas emoções bases da psique e complexa, pois elas se desenvolvem e se fundem em outras, em

uma dimensão quase que incalculável. Segundo Peirce<sup>15</sup>, o signo provoca um efeito significativo traduzido em sentimentos por ele produzido, assim este sentimento mostra que compreendeu-se o efeito que o signo queria provocar, mesmo assim, ainda pode-se afirmar que o seu relacionamento com a verdade é tênue.

Segundo Botton (2003), as pessoas possuem uma identidade maleável, pois se muda de acordo com quem – e às vezes com o quê – estamos. A companhia de certas pessoas pode instigar a experiência turística, de forma que as reações em relação ao que é visitado são crucialmente moldadas pela sua visão pessoal de quem o outro pode vir a ser. Ser observado de perto por um companheiro, pode inibir o viajante a observar outros. Permanece-se absorto na tarefa de ajustar-se às perguntas e comentários do acompanhante. O autor chega a afirmar que as pessoas, quando estão nesta posição, fazem um esforço para conter o entusiasmo provocado pela curiosidade em estar observando algo de novo para, assim, parecerem mais normais. Depois desta reflexão, ele conclui que viajar sozinho seria mais vantajoso.

Doravante a isso, quando um indivíduo está na presença de uma catarata ou montanha, entes que no fundo não têm interesses conscientes, portanto não poderiam encorajar ou censurar comportamentos, mas podem, segundo Wordsworth, exercer certa influência quando os elementos naturais têm o poder de sugerir valores, como por exemplo, o carvalho, a dignidade; pinheiros, a determinação; lagos, a calma, as flores, humildade e mansidão.

Para o poeta inglês, a beleza da natureza poderia estimular a localizar o bem nas pessoas. Duas pessoas paradas em uma saliência rochosa com vista para um regato e um majestoso vale coberto de bosques poderiam mudar não só sua relação com a natureza, mas sua relação entre elas.

Botton (2003) relata em seu livro “A arte de viajar”, sua excursão pelo deserto do Sinai. Onde diante de sua imensidão de rochas, camadas de granito, tabuleiros de cascalho torrando ao sol e montanhas de lava solidificada, ele indaga-se da procura do ser humano por aquele tipo de sensação

<sup>14</sup> William Wordsworth (1770- 1850) foi um poeta romântico inglês que ficou conhecido por seus poemas de enaltecimento da natureza de sua terra natal, o Distrito dos Lagos. Sua obra influenciou muitos visitantes que se transformou em um destino turístico, formando-se a base da economia local.

<sup>15</sup> Charles Sanders Peirce (1839-1914), um filósofo americano, que expandiu o conceito semiótico quando incluiu uma estrutura de signos não verbais, no seu triângulo semiótico que faz a relação entre o objeto, o signo e o interpretante.

de pequenez. O filósofo repara que se sente humilhação pelo que tem poder e é mesquinho, porém faz-se referência ao que tem poder e é nobre. Este tipo de lugar, com natureza tão sublime, permite ao turista encarar uma deficiência conhecida de outra forma, pois eles repetem uma lição que a vida rotineira costuma ensinar com crueldade; a que o universo é mais poderoso que o ser humano, sendo este frágil e efêmero. Portanto, visitar estes lugares tão majestosos não refletirá humilhação, pelo contrário, promoverá inspiração aos visitantes, que se sentirão privilegiados diante de exigências tão grandiosas. A noção de assombro pode até se transformar em um desejo de culto.

## 5. Considerações finais

Segundo Urry (1996), existe um conflito de interesses entre as atuais e as futuras gerações, que reflete no custo do turista marginal, que não leva em consideração os custos de uma congestão adicional, devido ao turista extra. Tais taxas determinam os efeitos indesejáveis de praias superlotadas, falta de sossego e silêncio, além da irremediável depredação da natureza.

Deseja-se, pois, um mundo em harmonia, onde seja possível encontrar ou reencontrar um estado de equilíbrio, onde cada parte seja um centro que não ultrapasse os limites das outras partes, em conformidade com a natureza e em solidariedade com as gerações futuras.

O turismo nos espaços naturais, feito de acordo com a relação transcendental com a qual foi mostrada neste estudo pode ser uma das saídas para a preservação ambiental com visitação. Pois, a atividade turística, quando idealizada como um fenômeno que envolve infinitas facetas do existir humano, aprofunda, assim, o atrativo natural e sai de sua superficialidade comercial para um espaço qualitativo de reflexão, apenas entre o homem e o meio ambiente.

Entende-se que o turista certamente melhor proveito das viagens obterá, assim como a natureza. Através da prática de um turismo não só de apreciação da paisagem mas que vai além, através dos fatos e relatos que foram expressos aqui nesta pesquisa entre os visitantes de lugares “sublimes”, que revigoram pela sua grandiosidade. Estes locais são capazes de mudar comportamentos que outrora depredavam a natureza.

Os impactos ambientais são reduzidos com a relação do foco romântico do turista, pois o torna mais próximo da natureza e distante do consumismo da sociedade pós-moderna. Fazendo com que a conscientização ambiental seja realizada espontaneamente ou com mais facilidade.

Portanto, desenvolve-se, dessa maneira, uma nova sensibilidade em uma parcela da população turística que pratica um turismo de natureza, não tolerando abusos cometidos contra o meio ambiente, pois estes acabariam também abusando os seus visitantes que tanto necessitam destas paisagens, para reencontrar suas buscas e respostas e seu sentido de vida.

## 6. Referências

AZEVEDO, Julia. Enraização de propostas turísticas. In: RODRIGUES, Adyr. **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BEDIM, Bruno. P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas – um ensaio teórico. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, pp. 76-89, 2007.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac, 2004. 515p.

BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ECHTNER, Charlotte M. The semiotic paradigm: implications for tourism research - **Tourism Management**. Pergamon, v. 20, pp. 47-57, 1999.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1984.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

RUSCHMANN, Doris van de M. **Turismo e planejamento sustentável:** A proteção do meio ambiente. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

URRY, John. **O olhar do turista:** Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 1996.